

# O DESPERTAR

BOLETIM DE DOCTRINA E INFORMAÇÃO  
Fundado pelo Movimento de Revigoração da Igreja

Director — LEOPOLDO DE FIGUEIREDO

Redactores: João Soares de Carvalho e Júlio Duarte — Redacção: Calçada das Lages, 6-Lisboa — Administrador: Joaquim de Pina Cabral  
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira



## O Poder da Ressurreição

### Recordando

**A**INDA vibram as nossas almas com a lembrança do II Congresso da Igreja Lusitana.

Tudo o que se previa, de elevado, de espiritual, de solene, de fraternal, de inspirador, conseguiu-se e ultrapassou-se. Porque os organizadores trabalharam bem? Não, decerto. Os organizadores não trariam homens e mulheres crentes, de muitas partes do país, a gastar o seu tempo e o seu dinheiro, a dar a alegria dos seus corações, só com boa organização.

O Congresso foi o que foi, *porque o povo o queria*; porque a consciência despertada dos valores católicos e apostólicos, do sentido nacional da Igreja, precisava dele para se exprimir; porque um movimento do Espírito que agita «esta pequena casa lusitana» o determinou; porque Deus se serviu dele para nos abençoar.

Graças lhe sejam dadas.

E agora?

Agora o II Congresso é um facto passado à história.

Alguns pensarão assim.

Iludem-se, porém.

Não «passa à história», mas «faz história», tudo o que é real, tudo o que nasceu e viveu por um imperativo da alma do povo inspirada por Deus, tudo o que se faz, não mercê de hábil propaganda, ou acção de poderes passageiros, mas como satisfação de uma consciência colectiva de necessidade.

Não «passa à história», mas «faz história» tudo o que na vida da Igreja se realiza ao serviço dos grandes princípios que a estruturam; tudo o que vise afirmar e engrandecer os valores que lhe foram legados por Cristo através dos Santos Apostólicos.

Não «passa à história», mas «faz história», tudo quanto seja arrancar a cinza da nossa indiferença convencional, de cima do «mistério» escaldante da Igreja.

**N**EM sempre estamos compenetrados disso, mas existe de facto um grande contraste entre o modo como os Apóstolos apresentavam a Mensagem Evangélica e os vários tipos de pregação de nossos dias. Não me refiro à forma literária, claro, mas sim às ideias dominantes das mesmas mensagens. Conforme a «cor» teológica do pregador, podemos dizer «grosso modo» que há três tipos de proclamação do Evangelho: O tipo «evangélico» em que se põe toda a ênfase na expiação efectuada no Calvário e na necessidade de uma apropriação individual, pela fé, dessa mesma expiação; o tipo que podemos chamar «católico» e a que alguns chamarão «sacramentalista» em que se dá o maior realce à graça sacramental e às práticas regulares de piedade e ascése; o tipo que dominaremos «social» que outros apodarão «a priori» de «modernista», em que a nota ética é a nota dominante e em que a mensagem é constituída sobretudo por um apelo ao amor ao próximo traduzido em actos individuais e colectivos.

Tanto a pregação como o ensino dos Apóstolos continha estes três elementos. O mesmo S. Paulo, por exemplo, que tanto falou da justificação pela fé, escreveu em termos bem inequívocos, acerca do Baptismo, como *instrumento* de regeneração e identificação com Cristo (1); e da Eucaristia, como *participação* do Corpo e Sangue do Senhor, cuja Presença Real no Sacramento não discerniam os que dele participavam indignamente; (2) por outro lado ele é o grande promotor e orientador de empreendimentos de assistência social de larga envergadura. (3)

Não eram, todavia, estes assuntos que constituíam o âmago, a essência da pregação dos Apóstolos. Se examinarmos com atenção os seus discursos e os escritos que nos deixaram, não podemos deixar de verificar que eles estavam sobretudo dominados por uma ideia que era, para eles, realidades poderosa e fecunda: *Cristo ressuscitara e eles eram testemunhas dessa ressurreição*. Embora sem dúvida pregassem a «Cristo crucificado» não tinham a preocupação como tantos pregadores, quer Romanos quer Protestantes, de tirarem partido sentimental duma exibição mais ou menos realista dos sofrimentos de Nosso Senhor. De modo algum! Os sermões deles eram sermões «de Domingo de Páscoa», todos eles. Daí o poder convincente da sua homilética que era o próprio poder da Ressurreição. Era o facto dominante da Ressurreição de Cristo que dava às suas mensagens as três grandes características que as distinguíam das arengas religiosas dos seus contemporâneos e que (ai de nós!) as distinguem da pouco eficaz pregação dos nossos dias: *Convicção, segurança e entusiasmo*.

Não quero dizer que nós, os pregadores de hoje, sejamos hipócritas, e preguemos aquilo em que não acreditamos. Mas sofremos por vezes de excesso de teoria, falando daquilo que não experimentámos. Eles tinham a *convicção* duma experiência real, e nós, se quisermos convencer outros, temos de obter essa experiência, pela oração e pelos

(1) Romanos 6:3-5; 1 Cor. 12:13; Gálatas 3:27; Efésios 5:26; Tito 3:5. Compare I Pedro 3:21; Actos 22:16 e João 3:5.

(2) I Cor. 10:16 e 11:27 e 29

(3) I Cor. 16:1 e 2; 11 Cor. 9.

# Meditação

A vida corre célere. Mas neste segundo de vida em que nos preparamos para a eternidade, sentimos que o desejo de cumprir a missão que pela vontade de Deus nos foi destinada, é sempre coroada de êxito que se pode revelar por diferentes maneiras que nem sempre consistem em batalhas ganhas no sentido de terreno. Cristo venceu, morrendo na cruz. E' penoso passar por trabalhos, suores, sofrimentos? O Mestre não tinha onde reclinar a cabeça!

Mas porque te preocupas? Porque esse temor, esse medo de iniciáres a tua tarefa? Homem de pouca fé, porque duvidas? A preocupação perturba os teus sentidos, inibe o trabalho, atraza o esforço!

Nesta vida de labuta e dor, há sempre um obstáculo difícil a transpor, um cume elevado duma montanha a escalar. Oh quão distante ele nos parece... Ao iniciarmos a sua subida há momentos que, apesar de termos tanto já caminhado pela encosta, parece que nada avançamos. Mas se perseverarmos, quase sem darmos por isso, o cume é atingido e à nossa frente se desenrola uma planície vasta; e mais adiante, lá longe no horizonte, mais montanhas a excitar-nos, a deslumbrar-nos num nunca acabar.

A primeira dificuldade foi vencida. Junto com a alegria da vitória, reparamos, quase sem darmos por isso, que os membros se desenferrujam, que o pensamento está mais seguro, que a visão das coisas é mais nítida. Graças ao Creador e à sua Obra! Graças pela energia e força de que somos possuidores! Basta uma pequena faísca, uma pequena orientação no sentido de reunir todos esses elementos quase escondidos no sub-consciente, para que se produzam milagres surpreendentes, inesperados mesmo.

Homem de pouca fé porque te submerges? Bastou a mão de Cristo para levantar Pedro. Bastará igualmente a Fé na Obra de Deus, e na Missão que Ele nos confiou para que nos levantemos, e, como o paraplégico que Cristo curou, carreguemos com a cama em que jazíamos e siga-

mos firmes o nosso caminho.

Ouve-se dizer por vezes que «se o meu caminho fosse outro, por exemplo aquele que o meu irmão trilha, então sim, então o meu trabalho seria melhor, então os meus dons se multiplicariam, então seria um bom obreiro, um bom cumpridor da tarefa divina». Se pensas assim (e quase que adivinho que o tens feito algumas vezes), enganas-te a ti próprio. Este pensamento como um parasita apodera-se de ti, corroí o melhor da tua alma, mata-lhe as energias, desmoraliza-a, quebra-lhe a força interior e destroi assim as aspirações elevadas do teu espírito.

E' a sofrer que se vence. E' a lutar que se atinge o objectivo. E' removendo montanhas que o nosso ser se robustece e frutifica.

Escreveu o poeta:

«A chorar,  
a sorrir,  
cada qual há-de poder passar,  
e chegar  
verdadeiramente onde ir».

Se tinha verdadeiramente onde ir... Mas todos nós temos verdadeiramente onde ir. Deus nos colocou a todos na sua Gloriosa Obra. Não receies de não ter uma tarefa, não julgues que te não foi confiada uma Missão. E's uma peça indispensável deste maquinismo extraordinário que é o Mundo.

Sinceramente o que tu temes, companheiro amigo deste vale de lágrimas, o que tu temes são os pés doridos, o cansaço, o assalto dos ladrões, as pancadas, as asperesas das rochas, a tal montanha longínqua de aspecto intransponível. O que tu temes é o desalento, a derrota.

Mas com Cristo não há lugar para derrotas. Se tiveres Fé como um grão de mostarda farás mudar o monte do seu lugar. «Cristus Victor». Cristo venceu a morte. Cristo esmagou a cabeça da serpente. Cristo ressuscitou dos mortos.

Amigo meu. Não se perdem oportunidades. Estas criam-se.

No trabalho profissional, no trabalho da Igreja, no trabalho social, no trabalho artístico, quantas coisas se nos oferecem, quantas ocasiões de dar a Deus o que é de Deus!

Não é só no nosso trabalho quotidiano que existem os meios de servir a Deus e os homens, como muitos poderão pensar. Certamente a nossa profissão é o fulcro de luta pela existência onde em primeiro lugar deve incidir a nossa atenção. Mas é raro que preencha completamente o nosso tempo, os nossos sentidos, a nossa energia. E por vezes até acontece em alguns indivíduos, por circunstâncias várias, que é fora da profissão que a sua actividade mais se faz sentir.

Não gastes portanto os teus ócios perdulâriamente. Entregate a um mister altruista, junto dos que te desejam como companheiro. E's membro duma Igreja? Ela te dará um manancial de temas, de motivos de trabalho.

Que pena é ver-se desbaratar valores que se desperdiçam inutilmente, valores que se arrastam num pretensão descanso que é quase um ócio. Que tristeza ver essa mocidade, esses varões e essas mulheres que empregam o tempo livre no vício da jogatina, no vício da dança e, em reuniões frívolas sem objectivo elevado e em espectáculos mediocres, e não o dedicam a divertimentos sádios e alegres, com almas suas irmãs, vibrando em unísono no mesmo ideal de servir a Deus e ao Próximo.

Entrega-te a um trabalho sério. Procura, na tua Igreja, uma actividade, o lugar que há muito te espera. Age, dedica-te a um fim superior. Cumpre o teu dever como cristão. Segue o teu caminho em obediência e em disciplina, e verás que grandes bênçãos Deus te concederá.

Cônta as muitas bênçãos,  
di-las duma vez,  
Verás com surpresa,  
quanto Deus já fez!

Paulo Agostinho

# Senhor, eu não sou digno!

Música de: L. de Figueiredo

Letra de: L. R. Pereira

*Andante non presto*

The musical score is written on three systems of staves. Each system consists of a treble clef staff and a bass clef staff. The lyrics are written below the treble clef staff. The first system contains the first line of the song, the second system the second line, and the third system the third line. The music is in a simple, homophonic style with a clear melody and accompaniment.

Eu não sou di - gno bom Se - nhor De em mim Tu  
vi - ves a mo - rar U - ma pa - la - vra Sal - va -  
- dor Bas - ta - va já p'ra me sal - var

Eu não sou digno, bom Senhor,  
De em mim tu vires a morar!  
Uma palavra, Salvador,  
Bastava já p'ra me salvar...

Eu não sou digno, bom Senhor,  
Do "pão dos filhos" vir comer,  
Nem das migalhas, mer'cedor,  
Da Tua Mesa sou sequer!

Eu não sou digno, bom Senhor,  
De a Ti erguer os olhos meus;  
Um miserável pecador  
De me agregar a Ti ó Deus!

Eu não sou digno, bom Senhor...  
Mas a Teus pés me vou prostrar.  
Teu Corpo e Sangue, Teu amor,  
Virão mais digno me tornar!

## NOTA DA REDACÇÃO

Reaparece hoje o "Despertar" não já como Boletim do MORI (visto que este terminou o seu mandato com o II Congresso da Igreja) mas como "Boletim de informação e doutrina".

Este boletim, estamos convencidos disso, corresponde a uma necessidade real da Igreja, mas só pode ser mantido se os seus leitores, compreendendo a sua utilidade, o ampararem generosamente.

Formou-se um grupo de «Amigos do Despertar» os quais se comprometeram a contribuir com uma quantia certa por cada número que se publique. Precisávamos porém de mais «Amigos», para que o Despertar possa sair ao menos por ocasião das festas principais da Igreja. Aqueles a quem Deus puser no coração ajudar o «Despertar» enviem a sua adesão ao nosso Administrador, Sr. Joaquim de Pina Cabral, Rua dos Caçadores, Sto. Ovídio Vila Nova de Gaia, ou directamente, ou por intermédio do delegado do «Despertar» na sua Congregação. Esses delegados, são:

Igreja do Redentor — Rev. Vidal dos Santos  
Igreja de S. João Evangelista — Sr. João Soeiro  
Igreja do Salvador do Mundo — Sr. Júlio Duarte  
Igreja de S. Mateus — Sr. José Augusto dos Santos  
Igreja de S. Paulo — Sr. Anibal Mamede  
Igreja de S. Pedro — Sr. Adriano de Sousa  
Igreja de Jesus — Sr. Manuel Baptista Vasco  
Igreja do Espírito Santo — Sr. José Marques Serrano  
Igreja de Cristo Remidor — D. Idalina Correia

Entretanto espera-se, ao menos, de cada leitor deste número, o donativo de um escudo.

# PELA IGREJA

Na Assembleia Geral da A. R. C. (Acção de Renovação Cristã) anexa à Igreja de S. Paulo de Lisboa, para eleição dos novos corpos gerentes, foi prestada merecida homenagem ao presidente cessante, Sr. João Pedro de Figueiredo, pela dedicação inextinguível mostrada no exercício do seu cargo.

Recomeçaram as conferências culturais naquele agrupamento juvenil.

--//--

As ordenações feitas pelo Senhor Bispo de Minnestota, em Novembro do ano passado, tornaram possível uma melhor organização das Paróquias do Sul. Assim, o Rev. Eduardo Moreira, Pároco de S. Paulo, de Lisboa, ficou com o encargo Pastoral das Paróquias de Cristo Remidor, (Alcácer do Sal) e do Espírito Santo (Setúbal) tendo a Comissão Permanente do Sínodo nomeado seu coadjutor nas mesmas Paróquias o novo Diácono Rev. Francisco Venâncio de Oliveira. O outro Diácono então ordenado, o nosso redactor Rev. João Soares de Carvalho, foi pela mesma Comissão Permanente, nomeado coadjutor do Rev. Moreira, em S. Paulo. O Rev. João Soares, tem dado já bastante da sua coadjuvação, prestando assistência às actividades da A. R. C. e à Missão de St. André (Amora).

--//--

Por incumbência do Rev. Presidente do Sínodo, oficiou como Instituidor nas cerimónias de celação do Rev. Eduardo Moreira nas suas duas novas Paróquias, o Rev. Dr. Luís Pereira, Secretário do Sínodo no Sul. Foi numerosa a assistência a essas cerimónias que decorreram com a maior solenidade, tendo estado presente em Alcácer do Sal, como observador, um dos Párcos Romanos locais, facto inédito, sem dúvida, nos annais da Igreja.

--//--

Chegou no dia 22 do mês passado a Lisboa, vindo de Angola,

o Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, antigo Pároco de S. Paulo. Os seus antigos paroquianos ofereceram-lhe no dia seguinte um «chá» de homenagem, a que assistiram cerca de duzentas pessoas e no qual tomaram parte vários oradores.

--//--

Teem-se estado a realizar nos nossos templos os cultos especiais da Semana Santa. Além dos clérigos locais, tomaram a seu cargo conferências espirituais e sermões: Na Igreja de S. João Evangelista (Torre, Gaia) o Rev. Pinto Ribeiro; na Igreja do Salvador do Mundo (Prado, Gaia) o Sr. Saul de Sousa, o qual também prégou de Quinta-feira em diante na Igreja de S. Mateus (V. Franca de Xira); na Igreja de S. Paulo (Lisboa) o Sr. David Freire; nas missões da Paróquia de S. Mateus, o Rev. João Soares e os Srs. Alexandre Martins e Joaquim Ribeiro.

--//--

Tanto na Igreja de S. Paulo como na de S. Mateus está a ser regularmente usada com grande agrado das respectivas congregações, a música litúrgica composta pelo Dr. Leopoldo de Figueiredo para a Eucaristia e Ofícios diários.

--//--

Publica-se desde Janeiro, por iniciativa do Rev. Eduardo Moreira e como feliz elo espiritual entre as três Paróquias a seu cargo, «O Vínculo», pequeno boletim impresso que sai mensalmente e que é o porta-voz duma mensagem de carácter pastoral e de notícias e comentários de especial interesse para as paróquias a que se destina. Dirigido por quem é, não podia deixar de ter a forma com que se apresenta.

--//--

O Núcleo de Campismo «Sentinelas» anexo à Igreja de S. Mateus, Vila Franca de Xira, foi finalmente no ano passado reconhecido pela Federação Portuguesa de Cam-

pismo. Aquela agremiação juvenil da Igreja, por meio da qual vários começaram a frequentar os cultos e alguns já foram confirmados, além das actividades campistas dedica-se também a outras actividades desportivas e culturais.

As Sentinelas foram recentemente convidadas por um club desportivo local para um torneio de ténis de mesa, em que a turma dos evangélicos foi apresentada por todos como modelo de correcção.

//--

Teve pleno êxito a campanha de colheita de pratos velhas, levada a cabo pela Junta Paroquial da Igreja do Salvador do Mundo, com o fim de mandar fazer calix, patena e salva para apresentação das ofertas.

## PELO ESTRANGEIRO

O Arcebispo de Cantuária encontra-se desde o princípio deste mês em África, onde foi para assistir à inauguração da nova Província Anglicana da África Central e que será constituída pelas dioceses de Mashonalandia, Matabelândia, Rodésia do Norte e Niassalandia (onde está a trabalhar o Rev. S. Chancelor que prégou e oficiou por mais de uma vez na nossa Paróquia de S. Mateus). Os quatro Bispos destas dioceses elegerão entre si o Arcebispo da nova Província ou Igreja auto-céfala, cuja organização foi tornada necessária pelo desenvolvimento e progresso das referidas dioceses.

Sua Graça seguirá depois para a Uganda, onde sagrará bispos quatro presbíteros africanos, na Catedral de S. Paulo, de Kampala.

--//--

No dia 17 de Março findo, foi inaugurada pelo Arcebispo de Cantuária, a nova sede do Conselho Britânico das Igrejas, em Londres. Ficou assim dotada de óptimas instalações aquela organização ecuménica, ramo inglês do Conselho Mundial das Igrejas, verdadeiramente representativa das várias Igrejas não romanas da Grã-Bretanha, organização à qual, infelizmente, nada há em Portugal que lhe corresponda.

# O Poder da Ressurreição

(Conclusão da primeira página)

sacramentos, de que «ressuscitou verdadeiramente o Senhor» e de que Ele operou em nós.

Na verdade também o facto da ressurreição é a nossa *segurança*. Porque Ele ressuscitou, sabemos que o Sacrifício foi aceite, foi eficaz. «Ele pode, pois, salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles». Convencidos como estavam os Apóstolos da Ressurreição, eram absolutamente destemidos. Não somente estavam certos da sua reconciliação com Deus e do perdão divino; mas *sabiam* que o poder que ressuscitara a Cristo, operava cooperando com eles. Nós, falhos dessa segurança divina, refugiamos-nos nas seguranças humanas das respeitabilidades, das conveniências, das coisas humanamente certas (como se o homem fosse mais fiel do que Deus...). No fundo somos tímidos, medrosos, e o mundo ri-se de nós (o que é o menos) e ri-se, *por nossa causa*, do Evangelho que pregamos, o que é mais grave.

Finalmente, a certeza sentida da Ressurreição comunicava à pregação e testemunho individual dos Apóstolos, um *entusiasmo* contagioso. Este terno «entusiasmo» pode prestar-se a grandes confusões, ou antes, a sérias falsificações. Para muitos, entusiasmo é gritar, gesticular, dar nas vistas por procedimentos exóticos. O entusiasmo dos Apóstolos, porém, era o entusiasmo de um coração a arder. O entusiasmo de que carecemos, clérigos e leigos da Igreja Lusitana, para levarmos por diante a Reforma da Igreja em Portugal, não é o modo de ser que nos torna incómodos aos que ajoelham na Igreja ao nosso lado, mas sim o estado de alma em que podemos dizer como S. Paulo: «Vivo não mais eu, mas *Cristo vive em mim*».

A Igreja Lusitana afirma-se, e com verdade, Católica, Apostólica e Evangélica. Possuidora, graças a Deus, de um Ministério Apostólico, ela necessita de ser cada vez mais apostólica no exercício desse Ministério. Para isso, ela carece de receber, como João, nesta Patmos da sua pobreza e debilidade, uma visão nova de *Cristo ressuscitado*. Precisamos todos nós de ouvir, como João ouviu, o Senhor da Igreja dizer-nos:

«Eu sou o Alfa, e o Ómega, o princípio e o fim... o que vivo e fui morto mas *eis aqui estou vivo para todo o sempre*... Diante de ti pus uma porta aberta e ninguém a pode fechar!» (Apoc. 1: 8, 18; 3: 8)

*Presbyterus Lusitanus*

# Recordando

(Conclusão da primeira página)

Porque Deus é a vida da Igreja, e Deus «n» passa à história», mas eternamente «faz história».

A conferência de Estudos em Prol da igreja — a CEPI — e o Movimento de Revigoração da Igreja — o MoRI — pais do II Congresso, também não passaram à história. \*

Quando se levantam grandes problemas, quando se agitam grandes princípios, o povo escuta-os, medita-os, elabora-os e vive-os.

A acção missionária da Igreja Lusitana nas nossas Províncias Ultramarinas; os métodos moder-

nos — ao fim de contas, os apostólicos — da cura espiritual; a renovação litúrgica; a formação lusocatólica da juventude e da infância; a organização da vida da Igreja no plano supra-congregacional, para só falar de algumas, tudo são questões momentosas que, uma vez tratadas, e com tão evidente interesse discutidas, como o foram, não poderão deixar de ser elaboradas no seio profundo da Igreja, não poderão deixar de gerar realidades.

A curto prazo? A longo prazo?

Quem sabe isso? Nem isso interessa.

A Igreja tem uma eternidade à sua frente para chegar à plenitude Cristo.

O que interessa é que os problemas sejam postos no temor do

# A Ressurreição

## NO ENSINO dos Apóstolos

*Na pregação primitiva dos Apóstolos, havia apenas um elo entre a morte e a exaltação, que eram consideradas como dois actos no Drama Divino. Ambas tinham o seu lugar; Jesus era encarado, tanto como servo como Senhor.*

*Contudo, Paulo vê mais do que uma conexão entre os dois acontecimentos. Para ele esses acontecimentos encontravam-se fundidos num só. O Cristo ressuscitado, é para sempre o Cristo que havia sido crucificado. A sua tese era — «Cristo quem morreu, ou antes, quem ressuscitou dentre os mortos». (Romanos 8: 34). Cristo crucificado é «o poder de Deus e a Sabedoria de Deus». Adorar o Cristo ressuscitado, é aceitar a cruz em virtude da qual Ele triunfou: Crer no Crucificado, é aderir Aquele que vence e reina...*

*Foi, porém, deixado a João o descrever a unidade destes dois sucessos na sua plenitude e o pôr de modo explícito em equação, a Crucificação e a Glória. Ele usa, não poucas vezes, a palavra «glória», referindo-se directamente à Paixão, e a sua narrativa da Paixão reflecte este conceito. No horto, os soldados caem por terra assombrados pela magestade de Jesus; no julgamento, Pilatos procura julgar Jesus, mas é Jesus que é o seu Juiz. Senhor dos acontecimentos, Jesus leva a sua própria cruz ao Calvário, dá voluntariamente a Sua vida e clama «Está consumado», porque a vitória é Sua. Na cruz, Jesus é rei. A crucificação não é uma derrota que necessitasse da ressurreição para a remediar, mas uma vitória que a ressurreição rapidamente segue e confirma. A «glória» revelada na Cruz, é a glória eterna do Pai e do Filho, porque essa glória eterna é a glória do amor que se dá a si próprio e o Calvário é a sua revelação suprema.*

*Assim, pois, o centro do Cristianismo Apostólico é «Crucificação - Ressurreição»; não «Crucificação» só, nem mesmo «Crucificação» como prelúdio e «Ressurreição» como final; mas a fusão das duas, dum modo que é tão real para o Evangelho como é de provocante para o mundo. Este tema estava implícito na missão de Jesus como Servo do Senhor e torna-se cada vez mais explícito até que João diz a última palavra.*

Prof. Ramsey  
(The Resurrection of Christ)

Senhor com o ânimo de O servir; e que todos nos mantenhamos fiéis às inspirações então colhidas.

O II Congresso culminou em um grande Acto Eucarístico. Ali, dele fizemos oblação ao Pai, de joelhos ao pé da Cruz.

Está confiado a Deus.

Podemos aguardar.

D. de Pina Cabral

# Acção de Renovação Cristã Música entre

## os Judeus

«E' bom não deixar todas as possibilidades de arte ao diabo». Foi assim que se expressou Carlos Wesley aos retrógrados que o acusavam de utilizar o folclore na nova hinologia. E' assim que também se expressam os que corajosamente na ARC, veem utilizando nas suas actividades, desde as sessões de cinema, competições desportivas, sessões recreativas, até às conferências de carácter cultural e espiritual, o que de bom e de útil o progresso oferece ás novas gerações cristãs.

E' que iniciativas deste género teem feito falta por serem a natural expressão da vida, de que a mocidade não pode prescindir senão artificialmente.

Só quem tiver deixado uma boa parte do entusiasmo puro da sua mocidade a obras de projecção social como a ARC, poderá sentir a alegria de ver um belo grupo de jovens votado com êxito magnífico à continuação da notabilíssima cruzada de amor a favor da juventude, que a Acção de Renovação Cristã, desde o seu início, se propôs levar a efeito.

Com a sua actual direcção e com os seus excelentes auxiliares, esta Colectividade, que foi inaugurada em 1949, continua a cumprir, dentro das suas possibilidades, o seu programa social, tornando-se o reduto dos mais generosos e tolerantes espiritos, no qual não podem ter ambiente as estreitezas de «clan» nem os sectarismos asfixiantes.

E' na estrutura de uma organização verdadeiramente cristã que assenta a técnica de saber-se amar incondicionalmente, de saber-se comer com os «publicanos e pecadores.» Uma colectividade assim orientada funde a sua vida na vida universal, e em absoluta dependência de Deus, verá na queda dos mais fracos uma nova oportunidade para pôr em prática a graça do Senhor.

Sem receio de exageros, pode-se afirmar que foi para isto que a ARC se fundou e é para isto que ela deverá viver.

Os serões recreativos realizados em 1 e 2 do corrente, no Salão da ARC, ornamentado com requintada arte, mercê da iniciativa de D. Guiomar Mata e de outras gen-

tís senhoras, dão-nos uma significativa amostra do quanto pode o entusiasmo e o generoso espirito da gente moça!

Desde as canções, proficientemente ensaiadas pelo jovem amigo João Pinto de Carvalho, até aos cenários primorosamente idealizados e pintados por Ruben Mata; desde os bailados na «Festa da Aldeia», um interessante acto da autoria de D. Guiomar, que ensaiou, e em que António Marinho se revelou incansável na arte de dirigir a marcação, até à interpretação de difíceis papéis que dedicados jovens souberam viver, apreciámos um agradável programa, tecido do princípio ao fim com fios de incontestável boa vontade e desejo de SERVIR E HONRAR o nome de Deus. A assistência premiou os futuros artistas com entusiásticos aplausos nos dois dias de lotação esgotada.

Calorosamente felicitamos daqui a actual Direcção da ARC que, já tão cedo, no início do seu exercício, deu provas de saber compreender, como as anteriores, as aspirações da gente moça que deseja viver em perfeita união e harmonia espirituais, mantendo-se superior a mesquinhas atitudes inadequadas ao verdadeiro espirito cristão.

Que a actual Direcção da ARC possa, com a ajuda de Deus, continuar a manter as actividades de 1955, à altura das brilhantes e riquíssimas tradições do Evangelho, são os votos sinceros dum amigo e fundador da ARC.

José Balão

Lx. 3-4-955

## Oração de Páscoa

*Tu que ressuscitaste  
No nosso meio estás,  
Segundo asseguraste,  
Ô Príncipe da paz!  
De novo vem encher-nos  
De fogo paz e amor  
E mais e mais prender-nos  
A Ti Jesus Senhor!*

H. M. W.

«A música dos hebreus parece ter sido por muito tempo simples e rudimentar, e associada desde o princípio com as danças de rego-sijo em ocasiões especiais. A sua origem recua até Jubal, chamado «o pai de todos os que tocam harpa e órgão» (Gen. 4: 21), e o seu som foi ouvido em todos os momentos de solenidade e esplendor recordados na história dos Judeus. Foi especialmente cultivada em relação com os serviços religiosos e o seu desenvolvimento corre paralelo ao do ritual do Templo. O seu uso era geralmente um sinal de alegria, mas a sua cessação um sintoma de calamidade e de pranto. Tinha os fins de acalmar e de inspirar; poder para afastar os espiritos do mal em Saul (I Sam. 16: 19-23) e para ajudar os profetas enquanto profetizavam (I Sam. 10: 5-10).

Os instrumentos de música em uso entre os judeus eram de três géneros: a) Instrumentos de cordas, b) instrumento de sopro, c) Instrumentos de percussão. Entre eles distinguimos os seguintes: a) o *salterio*, maior do que a harpa, para acompanhar os Salmos. A *harpa*, de 10 cordas, ou mais, o único instrumento de cordas mencionado no Pentateuco. S. Jerónimo descreve-a em forma dum «delta» grego. A *citara*, género de viola, ou de guitarra, com 4 ou 5 cordas. b) O *órgão*, com tubos de cana e primitivamente soprados à boca. A *busina*, instrumento de sopro trazido da Babilónia. A *corneta*, que deriva de «corno», nome antigo para chifre, do qual era feita. A *flauta*, género pastoril. O *apito*, feito de cana, usado em ocasiões festivas e solenes. A *trompete*, de chifres torcidos e direitos; havia-as de prata que só podiam ser sopradas pelos sacerdotes em proclamações solenes. Os *cimbalos*, sonoros e altissonantes, idênticos aos pratos das orquestras modernas; usados somente em cultos muito solenes. Os *sinos* ou *campainhas*, de metal vulgar, e de ouro os do Templo. O *tambor* que emparelhava com os cimbalos para as danças.